ANTECIPAÇÃO

Green Veil

LIVRO II

CAPÍTULOS 1 E 2

Nando Castros

Capítulo 1

O que saiu de lá

Teresa reconheceu a prancha pelo verso.

Chad a segurava acima da mesa, tentando achar uma superfície onde pudesse pousá-la. O papel ondulava entre seus dedos; a planta prensada no centro havia perdido parte do ramo. Teresa não olhou o ramo. Apontou uma mancha no canto inferior.

— Era a de baixo.

Ele virou a folha com cuidado. Havia um número, duas letras e um traço que terminava onde a água encontrara a tinta.

— De qual conjunto?

Ela abriu a boca para responder. A mão foi à chave que trazia no cordão.

Poucos dias antes, aquela pergunta teria levado Teresa até um armário. Chad a teria seguido por um corredor, esperado que afastasse o molho de chaves e encontrado a resposta numa gaveta. Agora havia três mesas emprestadas, caixas que não pertenciam à mesma coleção e um espaço vazio onde a memória de Teresa continuava procurando um móvel.

— Põe aqui — disse ela.

Luna retirou uma folha limpa do lugar indicado e Chad baixou a prancha. A mão direita demorou um pouco a soltar. Não sentia

nada vindo da planta, além da fragilidade que exigia dos dedos. Tinha pensado nisso antes de entrar: talvez bastasse estar perto do que trouxeram. Talvez o que fizera por Adélia pudesse servir também ali, de alguma forma que ainda não conhecia.

A planta permaneceu presa ao papel. Um fragmento solto caiu sobre a mesa.

Chad ficou olhando para ele.

— Guarda junto — Teresa pediu.

Luna trouxe uma dobra de papel. Ele recolheu o fragmento sem tocá-lo com a ponta da unha e o deslizou para dentro. Escreveu a referência que ainda conseguia ler. Teresa acompanhou o movimento, inclinada sobre seu ombro.

— Não completa essa letra.

Ele suspendeu o lápis.

— Parece um A.

— Parece.

Chad marcou o ponto em que deixara de ter certeza. Teresa tirou a mão do cordão e voltou à caixa.

Do outro lado da sala, Kaio tentava prender um fecho com a esquerda. A faixa no antebraço direito já não era a do retorno, mas ele continuava poupando a mão. Quando a peça escapou pela segunda vez, Luna atravessou entre as mesas e segurou a tampa. Os dois terminaram sem conversar. Ela voltou trazendo o caderno em que anotavam o que chegava e o que precisava sair dali primeiro.

Chad reconheceu uma margem de tecido escuro perto da porta e ergueu o rosto antes de ver Sunder inteiro.

O homem se deteve para deixar passar uma caixa. Tinha vindo sem o livro com as anotações de Melly. Desde a manhã em que se sentaram juntos, Chad percebia esse tipo de ausência: o objeto não aparecia, mas entrava na sala com ele mesmo assim.

Naquela manhã, depois de mostrar a discussão nas margens do livro, Sunder retomara como conhecera Melly. Ela chegara a uma conversa entre pessoas que não podiam ser vistas conversando.

Chad acompanhara a primeira parte com as mãos ao lado do prato. Os intermediários, os cuidados com a chegada, aquilo que cada um estava disposto a dizer diante do outro: era fácil imaginar Sunder nesse lugar. Quase fácil demais. A voz do homem ganhara firmeza assim que encontrara trabalho para descrever.

— Foi quando vocês começaram?

— Não.

Sunder olhou para a fotografia.

— Foi quando nos conhecemos.

— Então continua.

O café esfriava entre eles. Chad não afastou a xícara. Queria conservar alguma coisa da manhã que tinha imaginado antes de entrar: uma pergunta, uma história, uma resposta que ocupasse o lugar certo. Mas Sunder não contava como quem chega ao lugar combinado. Parava, voltava a uma frase, descobria que havia começado pelo que conseguia dizer, não pelo que Chad perguntara.

Dos encontros escondidos, o filho reteve primeiro a espera. Horários que não serviam para estar juntos, apenas para tornar possível o intervalo seguinte. O cuidado que, visto de fora, teria parecido distância. Sunder não apresentou aquilo como uma bela dificuldade vencida pelo amor. Quando Chad perguntou por que aceitaram viver assim, ele olhou para o pão partido.

— No começo, pareceu que estávamos escolhendo.

— E não estavam?

— Escolhíamos nos encontrar. Havia muita coisa que já tinha sido escolhida por nós.

Chad se encostou na cadeira. Reconheceu a frase antes de querer reconhecê-la: uma pessoa lhe oferecia duas possibilidades e depois chamava de decisão sua a porta que tinha deixado aberta.

— Foi por isso que saíram?

Sunder assentiu.

Falou da vida breve fora das ordens. Não disse que Melly se tornara outra mulher ao atravessar algum limite. Continuava discordando dele, continuava incapaz de deixar passar certas frases em certos livros. Às vezes a história escapava da fuga e entrava numa discussão que os dois haviam tido. Sunder repetia uma resposta própria e interrompia para corrigi-la: não, ela dissera aquilo antes, por isso ele respondera daquele modo.

Chad inclinou-se sobre a mesa.

— Você fica mudando a ordem.

— Estou tentando lembrar direito.

Não era a segurança com que Peter costumava explicar o passado. Chad esperou o resto sem baixar a guarda. Podia haver honestidade naquela dificuldade, mas ela ainda não era uma prova.

— Ela queria voltar?

Sunder permaneceu olhando para ele.

— Não vou responder por ela.

A irritação veio depressa.

— Você estava lá.

— Estava.

O homem trouxe o livro para perto, mas não o abriu. Chad achou que receberia outra página, uma passagem onde a letra de Melly pudesse substituir a pessoa que a conhecera. Então Sunder afastou o volume de novo.

— Posso contar o que ela me disse. E o que eu fiz. Mas não sei tudo o que ela queria, Chad. Não soube naquela época.

O uso do nome o fez erguer os olhos. Quase preferia a fórmula de Peter, mesmo agora: seria possível atacar uma resposta inteira. Naquela mesa havia um homem que admitia não saber, e Chad ainda precisava descobrir se a admissão o aproximava da mãe ou o deixava sozinho outra vez.

— Quando você disse que não soube da gravidez — Chad começou —, eu fiquei pensando no que você estava procurando.

Sunder puxou a fotografia para o lado seco da mesa.

— Eu procurava por ela.

Chad olhou para as mãos dele. Já ouvira a resposta sobre a gravidez e sobre não saber que havia um filho. Ainda não conseguia colocá-la dentro de todos os anos que vivera sem o nome daquele homem.

— Você procurava a Melly. Não a gente.

— Não sabia que havia vocês dois.

Chad passou o dedo pela borda do prato. Não era uma revelação nova. Era a mesma informação alcançando uma parte da pergunta que deixara de fazer na madrugada.

Se Sunder dizia a verdade, não havia uma criança que tivesse visto partir e decidido não seguir. Isso não explicava o desaparecimento de Melly nem dava a Chad uma história inteira. Sua infância permanecia onde estivera, com as pessoas que a tinham vivido ao lado dele.

— E quando soube que ela tinha morrido?

Sunder baixou o rosto. Chad percebeu a própria pressa em transformar cada resposta numa pergunta seguinte. Se parasse, teria de ficar com o que ouvira.

O homem ergueu os olhos de novo.

— Na madrugada. Quando você me disse que ela tinha morrido ao ter você.

Chad olhou para a fotografia. Tinha entrado naquela sala com uma ausência conhecida desde criança. Não pensara que, ao falar dela, também pudesse estar dando uma notícia.

— Você achava que ela estava viva?

Sunder demorou.

— Houve dias em que achei. Outros em que tive certeza de que não. Não recebi uma confirmação antes.

— E continuou sem saber?

— Continuei vivendo sem saber. Não fiquei todos esses anos do mesmo jeito, esperando na mesma porta.

O homem puxou o livro para perto e tornou a afastá-lo. Chad acompanhou suas mãos.

— Eu passei muito tempo sem conseguir separar as coisas que sabia das que temia — Sunder disse.

— Sandy me contou quando eu era criança. Não foi Peter que me contou da minha mãe.

Sunder não contestou. Chad quis dizer mais alguma coisa sobre Sandy, alguma coisa que a defendesse da conversa inteira, mas o rosto dela apareceu junto da omissão sobre o irmão de Melly. Ficou procurando um lugar em que pudesse deixá-la sem escolher entre a mulher que o criara e o que ela escondera.

— Não quero descobrir que tudo que lembro foi combinado.

— Não foi.

A resposta rápida demais o fez olhar para Sunder.

— Você não estava lá.

O homem aceitou o golpe sem recuar na cadeira.

— Não estava. Você tem razão.

Chad empurrou a xícara. A borda encontrou o prato com um som curto.

— Então não me garante.

Sunder pousou as mãos sobre as pernas. Por um momento pareceu mais distante do que quando ainda era apenas o homem que cuidava dos livros. Chad tinha conseguido interromper o consolo e descobria que não sabia o que pedir em seu lugar.

O vento moveu a folha das perguntas para Joana. Ele a segurou com o antebraço. No alto, a receita do bolo; abaixo, assuntos da casa, coisas que continuavam exigindo resposta. A letra era sua. Tinha escrito depois de saber quem Sunder era.

— Eu não vou deixar de chamar Michael de pai.

— Não estou pedindo isso.

— Nem para falar de você.

Sunder assentiu. Chad desejou que dissesse alguma coisa que pudesse permanecer verdadeira quando saíssem da cozinha, mas já o ouvira aceitar o mesmo limite junto da cadeira. Repeti-lo não tornava mais fácil acreditar.

Virou a fotografia para si.

Melly estava ao lado de Sunder antes de ser a falta que Chad aprendera a reconhecer. Não sabia o que tinha acontecido nos minutos anteriores à foto. Se procurasse demais no rosto dela, acabaria encontrando qualquer coisa que desejasse.

— Você conhece a voz — disse.

Sunder não perguntou de quem.

— Conheço.

Chad fez um pequeno movimento com a cabeça. Não havia como pedir emprestado aquilo. Podia ouvir a descrição, as palavras repetidas por outra boca, mas não o instante em que Melly as teria dito.

— Quando você conta que ela brigou com você, parece que ela está mais perto.

O homem olhou o livro.

— Brigou bastante.

Chad soltou o ar pelo nariz, quase um riso. Sunder sorriu e parou antes de ocupar o espaço que aquele som abrira.

— Não quero só as coisas bonitas — Chad disse.

— Está bem.

— Nem só as que mostram que ela era diferente de Peter.

Sunder levantou o rosto.

Chad passou o polegar pelo canto da fotografia.

— Ele fala dela como se eu precisasse gostar da irmã que ele perdeu. Você pode fazer a mesma coisa.

A mão de Sunder se moveu na direção do livro, depois voltou ao colo.

— Posso.

A resposta ficou entre eles. Chad esperou uma promessa de que não aconteceria. Não veio.

Do corredor chegou o ruído de algo arrastado. Alguém chamou por Sunder e, quando o viu à mesa, perguntou se podia esperar. Ele disse que sim antes de olhar a lista no bolso.

Chad devolveu a fotografia ao lugar seco. Ainda havia perguntas sobre os encontros, o fim da fuga, o que Peter dissera e o que nunca chegara a dizer. Continuou por uma delas. Quando Sunder não sabia, Chad anotava menos do que desejava. Quando sabia, nem sempre a resposta servia para perdoar alguém.

A manhã avançou sem devolver Melly inteira.

Ao se levantar, Chad precisou apoiar-se na mesa para poupar o joelho. Sunder levantou junto, mas esperou. O gesto ainda não sabia onde terminar; Chad o reconheceu porque suas próprias mãos estavam igualmente sem destino.

— Eu volto para ler — disse, indicando o livro.

— Vai ficar aqui.

Chad guardou a folha das perguntas para Joana. Sunder recolheu a xícara vazia e a levou à pia. Não houve abraço que reorganizasse os vinte anos. Houve o caminho até a porta, um homem lhe dando espaço para passar e a estranheza de perceber que sair daquela cozinha já não era o mesmo que entrar.

□

Agora o viu parar junto à mesa de Teresa. O homem olhou a prancha, depois o papel dobrado onde Chad guardara o fragmento.

— Quanto ainda falta abrir?

Luna mostrou as caixas sob a outra mesa.

— Abrir é a parte menor.

Sunder se abaixou para olhar as etiquetas. Chad sentiu vontade de lhe contar que reconhecera uma letra e se recusara a completá-la. A vontade o irritou. A aprovação que desejava não tinha sido combinada naquela cozinha.

Virou outra folha.

A pessoa que esperava na passagem não trazia caixa nenhuma.

Chad já a vira no vale, mas não sabia seu nome. O homem carregava uma pasta sob o braço e esperou que Teresa terminasse de separar duas folhas. Quando ela ergueu a cabeça, ele perguntou por uma relação do material salvo.

Luna indicou o caderno.

— Ainda estamos conferindo.

— Não preciso do inventário todo. Os segmentos vivos primeiro.

Sunder se levantou. O movimento foi rápido o bastante para Chad notar a diferença entre olhar uma etiqueta e ouvir aquele pedido.

— Para quem?

O homem olhou para as outras mesas antes de responder.

— Estão organizando um lugar onde possa haver continuidade. Não adianta espalhar o que depende de leitura.

Chad pousou a folha que acabara de erguer. No herbário, a palavra leitura significara corredores, água, uma mulher ferida, gente tentando abrir espaço para carregar um corpo. Na pasta do

homem, parecia significar algo que se podia manter funcionando depois de trocar de endereço.

— Continuidade de quê? — perguntou.

— Do trabalho. Há material que não vai responder a qualquer pessoa.

Teresa tirou uma tira de papel debaixo da prancha.

— Isto não responde a ninguém. Precisa secar.

O homem moveu a pasta para a outra mão.

— Não estou falando dessas folhas.

Foi essa frase que fez Luna fechar o caderno.

— Estamos.

Kaio deixou o fecho na mesa. Chad ouviu a peça bater, mas não olhou para o lado. Continuou vendo a pasta e, sobre ela, os dedos que aguardavam uma resposta mais simples.

— Querem que eu vá também? — perguntou.

— Não vim buscar você.

— Não foi o que perguntei.

O homem olhou para Sunder. Chad atravessou o espaço entre as mesas antes que qualquer um dos dois respondesse. O joelho avisou no último passo; ele disfarçou mal, segurando a borda com a mão.

— Estou aqui.

Sunder não ocupou o lugar entre eles.

— Você ouviu a pergunta — disse ao homem.

— Querem saber o que será possível fazer. Depois do que aconteceu, ninguém pode fingir que é um acervo comum.

Luna abriu o caderno na página anterior e o virou para ele.

— Aqui está o que foi possível fazer ontem. Achar espaço, levar água, pedir pano limpo. Tem gente sem saber onde vai trabalhar. Você consegue resolver alguma dessas coisas?

Chad quase sorriu. Então viu que ela esperava de verdade.

O homem leu a página. Seu polegar se afastou da pasta.

— Talvez as mesas. Há uma sala que não está sendo usada.

— Com passagem para os carrinhos? — Kaio perguntou.

— Não sei.

— Então vê isso antes de mandar tirar tudo daqui.

Por alguns instantes, foi uma conversa que cabia na sala. O homem anotou a largura que precisaria conferir. Luna indicou onde encontrar quem estava organizando os espaços e pediu uma resposta antes do fim da tarde. Não entregou o caderno.

Ele tornou a olhar para Chad quando guardou o papel.

— A outra conversa vai acontecer.

— Quando souberem o que querem perguntar — Chad respondeu.

O homem saiu sem a relação dos segmentos.

Teresa esperou seus passos se afastarem e voltou a olhar a prancha. Uma ponta começara a levantar com o ar que entrava da

passagem. Ela a protegeu enquanto Luna procurava um apoio limpo.

Chad ainda segurava a mesa. Sunder percebeu, mas não lhe ofereceu o braço diante dos outros. Puxou uma cadeira para o espaço ao lado, deixando a passagem livre.

— Você sabia? — Chad perguntou.

— Que estavam procurando outro lugar, sim.

— Para mim.

Sunder demorou um instante.

— Para o que trouxemos. Não ouvi esse pedido antes de agora.

Chad olhou para a porta. Podia ter sido uma resposta preparada; na COM, também lhe diziam primeiro aquilo que era possível negar. Sunder não tentou afastar a suspeita com uma mão em seu ombro.

— Eu vou falar com eles — disse.

— Não combina o que eu faço.

— Não vou combinar.

Luna encontrou o apoio e o entregou a Teresa. O serviço continuara enquanto os dois conversavam, mas a mesa já não parecia oferecer o mesmo abrigo. Chad se sentou. Quando a dor do joelho cedeu ao descanso, encontrou outra coisa ocupando o lugar dela: queria que tivessem perguntado, e temia ter dito sim apenas para descobrir o que conseguiria fazer.

Sunder se afastou para ajudar Kaio com a caixa. Chad puxou a folha seguinte. Desta vez começou pelo verso.

Capítulo 2

A margem de Michael

A sala oferecida não recebia os carrinhos.

Kaio voltou antes do fim da tarde com a medida da porta e uma expressão que fez Luna fechar o caderno sem perguntar. Havia um degrau logo depois da entrada. Podiam carregar as caixas à mão; não podiam fazer o mesmo com tudo que ainda precisava ser movido.

— Eu disse que não servia — ele contou.

Teresa olhou para as pranchas espalhadas.

— Para isto serve.

A solução exigiu separar o que Chad passara a manhã tentando reunir. Os papéis iriam para um lugar; o material vivo ficaria onde já estava até que encontrassem outro acesso. Luna pediu que ninguém retirasse as etiquetas das caixas vazias. Teresa marcou o destino das primeiras folhas e escolheu quem as levaria. Chad se ofereceu para carregar uma delas, mas Kaio lhe entregou o caderno.

— Você sabe o que falta conferir.

Não soou como uma ordem para descansar. Chad aceitou antes que pudesse transformar o pedido em outra disputa. Viu a primeira caixa sair e anotou para onde. A porta continuou

estreita; a escolha deixava de ser entre resolver tudo e não fazer nada.

Quando Mira apareceu, ele ainda estava conferindo referências.

Ela trazia um volume envolto num pano. Esperou Teresa terminar uma instrução e chamou Chad para a passagem. Não lhe perguntou como estava antes de mostrar o que carregava.

— Deixaram isto para você.

Ele reconheceu o desgaste na lombada antes do título. Um pedaço de fita havia escurecido junto à borda. Michael adiara o conserto daquele livro por tanto tempo que Chad aprendera a identificá-lo pela parte que precisava ser consertada.

— Quem deixou?

— Uma pessoa que não quis esperar. Pediu que chegasse às suas mãos.

Mira abriu o pano. Chad segurou o livro com as duas mãos.

— Não conhecia?

— Não. E não vou dizer que estava tudo bem só porque foi entregue aqui.

Ele não respondeu. Passava o polegar pela fita sem tentar levantá-la.

Na casa dos Bazz, Michael costumava deixar livros abertos em lugares que depois chamava de provisórios. A cozinha, o braço da poltrona, uma cadeira que ninguém podia usar até ele voltar. Chad nunca soubera distinguir a pesquisa que merecia uma mesa da curiosidade que bastava levar para perto da luz. Agora o peso

do volume cabia exatamente nas mãos, e a certeza de que pertencera àquela vida não lhe dizia por que chegava ao vale.

— Posso abrir em outro lugar? — perguntou.

— Pode.

Mira ficou esperando que ele erguesse os olhos.

— Se houver recado, não precisa responder hoje.

Chad assentiu, embora ela não lhe tivesse perguntado se responderia.

Encontrou Luna no corredor. Mostrou a lombada, disse que era de Michael e pediu alguns minutos. Ela olhou para o pano que Mira ainda segurava, depois para ele.

— Vou terminar as caixas.

Ele levou o livro para o quarto.

Na primeira folha, encontrou o nome de Michael. A escrita inclinada fizera o sobrenome chegar perto demais da margem. Chad aproximou o rosto, como se a menor distância pudesse trazer o homem que se sentara para escrever aquilo.

Virou a página.

As anotações não se distribuíam regularmente. Algumas folhas não tinham sinal de leitura; outras guardavam perguntas, setas, um pequeno desacordo com o texto impresso. Chad parou numa palavra refeita. Michael escrevera por cima de si mesmo sem apagar tudo. Por um instante, isso lhe pareceu uma resposta ao que perguntara a Sunder: uma pessoa continuava existindo também onde não tinha certeza.

Uma folha dobrada se soltou do meio do volume.

Não era antiga. O papel permanecia liso no centro, sem a tonalidade da borda das páginas. Chad a abriu sobre a cama.

Chad,

precisamos conversar antes que outras pessoas decidam fazer isso por nós. Estarei na estufa velha da Fazenda Valverde amanhã, às quatro da tarde. Vá sozinho. Não é uma reunião entre as ordens. Quero falar com você.

Peter.

Chad leu outra vez, procurando a frase que teria passado despercebida na primeira leitura. Não havia mais nada. Nenhuma explicação para o livro estar com ele, nenhum pedido de desculpas, nenhuma palavra sobre Sunder.

Amanhã.

Olhou para a janela, como se a luz pudesse confirmar quando o bilhete fora escrito. Fora entregue naquele dia; não bastava. Dobrou a folha na mesma marca e quase a guardou antes de perceber que repetia o gesto de quem a colocara ali.

Deixou-a aberta.

Peter escolhera um objeto que Chad não conseguiria recusar sem sentir que recusava Michael. Talvez soubesse disso. Talvez tivesse apenas devolvido um livro que não lhe pertencia. A diferença importava, e Chad detestou não conseguir começar por ela.

Voltou à primeira página e encostou os dedos no nome do pai.

A batida na porta o fez fechar o volume depressa.

Era Luna.

— Você quer comer aqui?

Chad olhou para a folha sobre a cama. Ainda podia dizer que sim, guardar tudo e inventar amanhã o motivo da saída. Peter não lhe ordenara mentir; bastava que entendesse sozinho o que a condição exigia.

— Tem um recado — disse.

Luna permaneceu à porta.

— De quem?

Ele estendeu a folha.

Luna leu em pé. Quando terminou, não tornou a ler diante dele. Devolveu o papel e puxou a cadeira.

— Você quer ir.

Chad apoiou o livro na mesa.

— Quero perguntar por que estava com isso. E o que sabia sobre Sunder. Não quero esperar outra fotografia cair de algum lugar.

Luna olhou para a capa.

— Você pode perguntar sem aceitar tudo que ele colocou aí.

— Se eu não for sozinho, ele não fala.

— Você não sabe.

Chad apertou o bilhete entre o indicador e o polegar. Era possível reconhecer a armadilha e continuar querendo entrar. A

alternativa não lhe parecia liberdade: parecia Peter ainda escolhendo as perguntas que permaneceriam sem resposta.

— Não quero uma operação — disse. — Nem gente escondida atrás de mim para ouvir.

— Eu também não quero transformar isso numa operação. Mas, se você não voltar, preciso saber onde procurar.

Luna alcançou o livro com o olhar, sem tocá-lo.

— Ele sabe que encontrou Sunder?

Chad fez um movimento para responder e parou. As perguntas multiplicavam o que ignorava. Peter poderia saber do reconhecimento. Poderia conhecer apenas a passagem pelo herbário. O bilhete não permitia distinguir.

— Não sei.

— Então não entregue essa resposta antes de ouvir a pergunta dele.

Chad se sentou na beira da cama. O joelho ficou estendido, incômodo. Luna afastou a cadeira para lhe deixar espaço.

— Eu não vou perguntar se você deixa — disse.

Ela recostou-se, olhando para ele.

— Ainda bem.

A resposta o fez baixar o papel. Ele tinha preparado uma discussão com alguém que pretendia impedir sua saída. Luna não ocupou o lugar oferecido.

— Eu vou ter medo mesmo assim — ela acrescentou.

Chad passou a mão pelo rosto.

No quarto, o livro era a única coisa que parecia ter vindo de antes de tudo aquilo. Quis abri-lo numa página qualquer, pedir que Luna lesse a pergunta de Michael, falar do pai sem que o objeto servisse imediatamente para chegar ao tio. Mas havia um horário escrito sobre a cama.

— Vou falar com Mira sobre quem trouxe. Se dá para confirmar quando foi entregue. E avisar Kaio.

— E Sunder?

Chad olhou a porta.

A resposta mais fácil era não. Podia manter os dois homens longe um do outro e chamar isso de prudência. Mas Sunder acabara de lhe contar que procurara Melly sem saber que existia uma criança. Ir conversar com Peter escondido dele não era um gesto simples de independência; também se parecia com mais uma porta fechada na vida daquele homem.

— Vou contar que recebi o recado. Não vou levar uma lista de perguntas dele.

Luna assentiu.

— Decide as suas antes de sair.

Ele olhou para a folha das perguntas para Joana, guardada junto à cama. Não quis escrever no verso. Tirou uma página limpa de outro bloco e pousou-a entre eles.

A primeira pergunta era sobre o livro. Escreveu, riscou a formulação e tentou de novo. A segunda ficou curta: Desde quando sabia?

— Do pai — explicou.

— Eu entendi.

A terceira começava com Melly, mas Chad não terminou. Havia muitas coisas que Peter poderia responder sobre a irmã, e ele precisava impedir que uma história bonita ocupasse o lugar do que tinha vindo perguntar.

— O que você escondeu — disse, escrevendo. — Não o que achou melhor.

Luna levantou quando ele parou de escrever. Na porta, voltou-se.

— Vou buscar a comida. Não guarda isso para resolver com fome.

Chad quase respondeu que não estava com fome. Ouviu a cadeira se afastar no corredor e deixou a frase passar.

Abriu o livro pela página em que encontrara o bilhete. Na margem, Michael havia feito uma marca junto ao texto impresso. Era anterior à mensagem, parte de outra leitura. Chad passou à folha seguinte e encontrou outra anotação.

Não tentou decifrar tudo naquela noite. Marcou o lugar com um pedaço de papel que não cobria a escrita e deixou o volume aberto sobre a mesa. O recado de Peter ficou separado.

Quando Luna voltou, havia espaço para os dois pratos.

Sunder leu o bilhete sem se sentar.

Chad o procurara depois do jantar. Esperou que terminasse uma conversa na passagem e pediu que entrassem numa sala vazia. Não levou o livro de Michael. Ainda não sabia explicar por que, mas não queria pousá-lo diante de outro homem e ter de defender a quem pertencia.

— Vou — disse, antes que Sunder acabasse a leitura.

O homem continuou olhando a folha. Quando a devolveu, manteve os dedos juntos por um instante, como se ainda a segurasse.

— Ele pediu para ir sozinho.

— Eu li.

Sunder se afastou da porta. Chad esperou a explicação sobre risco, as pessoas que poderiam acompanhá-lo sem serem vistas, as perguntas que seria importante fazer. O pai demorou a dizer outra coisa.

— Quero falar com ele.

A franqueza mudou a conversa.

— Eu sei.

— Há coisas que só ele pode me responder.

— Também tenho.

Sunder passou a mão pela nuca. Chad nunca o vira tão perto de insistir num pedido que não sabia fazer como pedido. Era diferente da pressão do homem da pasta, diferente até da autoridade com que decidira no herbário. Peter podia responder

por vinte anos, e Sunder estava sendo informado de que outra pessoa chegaria primeiro.

— Não vou perguntar por você — Chad disse.

O homem olhou para ele.

— Se quiser me contar depois...

— Eu conto o que conseguir. Mas não vou entrar lá tentando resolver tudo que aconteceu entre vocês.

Sunder assentiu devagar. Chad percebeu que a própria voz ficara dura demais e não quis amolecê-la com uma promessa que não daria conta de cumprir.

— Você vai querer perguntar da Melly — acrescentou.

— Vou.

— Eu também. É por isso que não pode ir no meu lugar.

Ficaram algum tempo ouvindo a conversa que continuava do outro lado da parede. Sunder tirou do caminho uma cadeira que não atrapalhava ninguém e só então pareceu perceber o que fazia.

— Não vou mandar alguém atrás de você sem te dizer.

Chad ergueu o rosto.

— Nem para me proteger.

Sunder suportou a repetição.

— Nem para isso.

O alívio não veio inteiro. Chad gostaria de acreditar sem ter de testar a promessa; ainda não tinha esse tipo de confiança para

entregar. Guardou o bilhete e saiu da sala antes que a conversa se transformasse numa negociação sobre quanto deveria agradecer.

Encontrou Kaio na passagem.

Luna já lhe contara que Chad precisava falar. Ele não quis o bilhete de imediato. Pediu primeiro o nome do lugar, depois perguntou como Chad pretendia ir e voltar.

— Ainda não decidi.

— Então decide essa parte antes de decidir que está tudo decidido.

Chad quase respondeu ao tom. Kaio levantou o braço esquerdo, apontando para a faixa do outro.

— Não estou me oferecendo para entrar. Estou perguntando se você consegue voltar se a conversa acabar mal.

A diferença exigia uma resposta que Chad não preparara. Pensara na chegada, em Peter levantando os olhos, na primeira pergunta que não deixaria desviar. A volta continuava sendo apenas o que aconteceria depois.

Combinaram que Kaio o deixaria antes da propriedade e esperaria fora dela. Peter teria Chad a sós na estufa; não teria o direito de impedir que alguém soubesse onde ele estava. Chad aceitou um horário para voltar. Se precisasse de mais tempo, não bastaria esperar que os outros adivinhassem.

— Não vou entrar atrás de você porque deu cinco minutos — Kaio disse. — Mas também não vou ficar até de madrugada inventando que está tudo bem.

Chad concordou. Só depois se lembrou da palavra amanhã.

□

Na manhã seguinte, Mira confirmou que o livro chegara na tarde anterior. A pessoa que o entregara não dera telefone nem deixara outro recado. Isso reduzia a dúvida, sem encerrá-la.

Chad decidiu ligar.

Recorreu ao contato público da COM, pediu para falar com Peter e esperou. Havia gente trabalhando do outro lado, ruídos reconhecíveis, uma pergunta repetida porque quem atendia não entendera o nome. Chad a respondeu sem inventar outro.

Se Peter queria saber se ele lera o bilhete, saberia. Chad preferiu essa exposição limitada a atravessar uma estrada guiado por uma data presumida.

Quando ouviu a voz do tio, levou alguns segundos para falar.

— Recebi o livro ontem. Está me esperando hoje?

— Às quatro.

A resposta veio sem surpresa. Chad ouviu a familiaridade e sentiu o corpo se preparar para a antiga conversa, aquela em que Peter já sabia por onde conduzi-lo.

— Na estufa velha de Valverde.

— Sim.

— Não estou ligando para conversar agora.

Peter deixou uma pausa.

— Você vai?

Chad olhou para a folha em que escrevera suas perguntas.

— Vou.

— Sozinho.

— Vou falar com você sozinho. Tem gente que sabe onde estarei.

Desta vez Peter demorou mais a responder.

— Não traga uma reunião para dentro da estufa.

— Não foi isso que eu disse.

O silêncio seguinte quase o fez explicar o plano inteiro. Chad conteve a vontade de preencher o espaço para que Peter não o ocupasse.

— Às quatro — o tio repetiu.

Chad encerrou a chamada.

Escreveu o horário ao lado das perguntas. O encontro deixara de depender de um papel sem data; não ficara seguro por causa disso. Quando mostrou a anotação a Luna, ela perguntou apenas se ele tinha comido. Dessa vez, Chad pôde dizer que sim.